

---

---

# terra roxa

## e outras terras

---

---

Revista de Estudos Literários

### CÂNDIDO LUSITANO E O DISCURSO PRELIMINAR DO TRADUTOR

Regina Helena Machado Aquino Corrêa  
(Universidade Estadual de Londrina)

Este trabalho analisa as notas de tradução do português Cândido Lusitano na sua introdução à tradução portuguesa da *Arte Poética* de Horácio, publicada no ano de 1758, em Lisboa. Nesta edição original, Cândido Lusitano comenta algumas traduções anteriores da mesma obra e demonstra a atualidade tanto do seu discurso de tradutor como de Portugal, enquanto nação partícipe dos movimentos literários da Europa neste século.

Palavras-chave: tradução e história, Cândido Lusitano, *Arte Poética*.

Os séculos XVII e XVIII são marcados por uma valorização da arte de traduzir. Era um momento de ilustração, de consciência que o período era de melhoria da sociedade em todas as áreas: a Revolução Industrial, a Sociedade Real de Londres (foco mundial de investigação científica), conquistas no campo da Física e da Astronomia, as idéias de Newton, a inviolabilidade das leis da natureza de Hobbes e Locke, as idéias de Poppe e Johnson nas Letras, e a criação da imprensa (Mongelli 1986: 9-23). A razão deveria ser utilizada para escrutinar tradições e doutrinas previamente aceitas e tradições, a Antigüidade clássica torna-se modelo para o Arcadismo. A arquitetura, a linguagem, a literatura e a cultura como um todo passam a ser revitalizadas a partir de modelos estrangeiros, de clássicos gregos e latinos.

A literatura encontrou seu caminho na tradução. Através dela, discutiam-se questões como a introdução de novas formas literárias, de novos termos e de novas estruturas lingüísticas. Discutia-se o próprio significado da tradução e maneiras de melhor desempenhá-la. Até então, a tradução era muito comum, mas não existia a preocupação com o reconhecimento da autoria das obras ou da língua-cultura de partida. Traduzia-se, adaptava-se ou atualizava-se, sem que se fizessem referências às fontes. As versões inglesas de Willian Caxton e Geoffrey Chaucer de contos franceses e latinos, por exemplo, foram importantes no estabelecimento das raízes da literatura inglesa. As imitações de Wyatt e Surrey dos sonetos de Petrarca trouxeram essa forma para a literatura inglesa. Shakespeare foi um grande imitador:

*Plutarch's Lives* de Sir Thomas North (que já era uma tradução) forneceu a base para suas tragédias romanas e muitas das suas comédias e tragédias usaram a história, o enredo, de peças de teatro menores, já esquecidas (Milton 1993: 20-39).

A tradução assume, portanto, um caráter inovador após o século XVII. Os ingleses acreditavam que sua língua era inferior às línguas clássicas. Richard Taverner diz que traduziu parte do *Chiliades* de Erasmo para melhoria e ornamento do país e Jonh Brede em *History of Quintus Curtius* diz que sua intenção é promover o inglês à primeira divisão de línguas, junto ao grego, latim e francês e fazer com que a Inglaterra fosse tão avançada quanto outras nações que tinham contribuído para a humanidade com histórias valiosas. Os franceses acreditavam que sua língua possuía suas próprias qualidades e possibilidades de alcançar uma perfeição até maior do que a do latim e do grego. Antoine le Maistre, tradutor de São Bernardo e Santo Agostinho, afirmava que o francês podia, sem dúvida, igualar-se ao latim e ao grego:

É preciso tentar traduzir beleza por beleza e figura por figura; imitar o estilo do autor, e dele se aproximar até o limite do possível: variar as figuras e as falas, e, ao final, fazer de nossa tradução um quadro e uma representação viva da obra que se traduz de maneira que se possa dizer que o francês é tão belo quanto o latim, e citar com segurança o francês em vez do latim. (Milton 1993: 50)

Os alemães consideravam o ato de traduzir a melhor maneira de aprender a pensar corretamente e de expressar os pensamentos com ênfase. Humboldt, por exemplo, considera a tradução como uma maneira de proporcionar ao indivíduo experiências com as quais ele nunca teria tido contato – tanto o tradutor quanto a nação passam por algo mais nobre e mais complexo. Já Schlegel vê o tradutor como o introdutor de novas formas e a tradução como a verdadeira escritura, a criação artística mais elevada (Milton 1993: 50-61). O aumento da prosperidade da classe média resultou em um mercado cada vez maior para as traduções e o contato com culturas estrangeiras naturalmente também fomentou um interesse por tradução.

Igualmente às outras nações, Portugal também enfrentou esse momento de mudança com a mesma atualidade dos seus vizinhos partícipes em histórias da tradução, embora haja raros registros sobre o assunto. No séc. XVI, há também em Portugal o mesmo interesse entusiástico pelas letras clássicas, pois o latim tem o direito de cidade e é a língua dos cultos, mas da mesma forma não há a preocupação com o reconhecimento da tradução em si. Fazem-se livres adaptações e incluem-se trechos de outros autores em

publicações sem o registro de autoria. Sá de Miranda incluiu em sua *Canção do Encantamento* a narrativa de Amor e Psique, que imitava o texto do *Metamorphoseon* de Apuleio, enquanto Camões baseia o enredo de seus *Anfitriões* no *Amphitruo* de Plauto, sem nem mesmo hesitar em imitar livremente algumas falas das personagens. Apesar de não terem chegado à publicação, há o registro de muitas outras versões de clássicos, frutos de encomendas régias ou senhoriais, que se ficaram depositadas em bibliotecas particulares. O bilingüismo dos portugueses, ocasionado pelo domínio dos espanhóis, favoreceu também a literatura do país vizinho, pois algumas obras foram vertidas por portugueses para as duas línguas: português e castelhano. Um exemplo disto é a primeira tradução que se fez na Península de *Las Obras de C. C. Tácito* (1613), obras completas do historiador romano, por Manuel Sueiro, filho de pais portugueses, mas flamengo de nascimento (Coelho 1976: 1096-7).

O séc. XVII, em Portugal, foi o grande momento de esforço para tornar acessível ao público leitor a maior quantidade possível de obras estrangeiras. É a época do culto a Horácio, Virgílio, Ovídio, Sêneca e Homero. Francisco da Costa publicou o *Entendimento Literal e Construção Portuguesa de todas as Obras de Horácio* (Lisboa, 1657) e todos os outros, em especial Homero, foram muito bem interpretados por Gabriel Pereira de Castro em sua *Ulisseia* (Lisboa, 1636). De um modo geral, no entanto, os clássicos gregos e latinos são encarados com excessivo rigor moralizante pelos oradores sacros, pela sua “soltura lírica dos carmes pagãos” (Coelho 1976: 1098). Ovídio, por exemplo, não possuía uma boa reputação entre os religiosos devido ao pendor erótico da sua poesia. Outra coisa importante de ser registrada sobre a tradução em Portugal nesta época é o fato de que, como consequência do prestígio que a língua latina usufruía entre os humanistas, há a tradução de obras portuguesas para os idiomas antigos, na tentativa de conquistar uma “universalidade de expressão que a língua original lhes negava” (Coelho 1976: 1099). Destacaram-se como traduzidos com este intuito Padre Antônio Vieira com seus sermões e Camões com *Os Lusíadas*. Sabe-se, no entanto, que essas traduções não chegaram a ser impressas, permanecendo manuscritas e muitas delas foram dadas como desaparecidas.

O Neoclassicismo renovou o interesse por Horácio e, em particular, pela *Arte Poética*. Verifica-se nessa época um grande número de versões que se devem a Miguel do Couto Guerreiro (Lisboa 1772), Rita Clara Freire de Andrade (Coimbra 1781), Pedro José da Fonseca (Lisboa 1790), Jerônimo Soares Barbosa (Coimbra 1791), Pe. Tomás de Aquino (Lisboa 1793) e Joaquim José da Costa e Sá (Lisboa 1794). A melhor tradução da época é a de Cândido Lusitano, nome arcádico de P. Francisco José Freire, natural de Lisboa, um dos escritores e tradutores portugueses mais produtores do

século XVIII. Entre 1737 e 1773, ano de sua morte, Cândido Lusitano produziu 73 obras catalogadas, algumas impressas, outras manuscritas. Destacam-se entre seus escritos 20 traduções, sendo algumas óperas e comédias do italiano e obras do latim de escritores como Horácio, Virgílio, Sófocles, Eurípedes, Sêneca e Ovídio. Entre essas traduções, merece destaque a *Arte Poética, ou regras da verdadeira Poesia em geral, e de todas as suas espécies principais, tratadas com juízo crítico*, dedicada ao Sr. Felipe de Barros e Almeida, cuja primeira edição data de 1748 e a segunda edição de 1759. A diferença entre as duas edições é que a primeira tem uma dedicatória ao historiador João de Barros e a segunda ao primeiro marquês de Pombal Sebastião José de Carvalho e Mello (Silva 1859: 406).

Em 1758, Cândido Lusitano publicou a *Arte Poética*, obra que me chegou às mãos por uma destas coincidências inexplicáveis e que se tornou objeto de estudo deste trabalho. Segundo o dicionário de Inocêncio Silva (1859: 408), “o Sr. A.L. de Sebra, no tomo II, pág. 279, da sua tradução das *Sátiras e Epístolas de Horácio*, acusa esta versão de ser escrita em estilo prosaico, sem vivacidade, sem brilho, e sem algumas das qualidades que caracterizam o estilo do Venusino. Confessa, contudo, que os comentários e notas do tradutor são curiosos, instrutivos e dignos de se lerem”. Nesta edição, Cândido Lusitano faz uma tradução onde nas páginas da esquerda aparece o texto em latim e nas da direita o seu equivalente em português, mantendo a estrutura versificatória. A tradução é toda comentada, destacando-se tanto as dificuldades tradutórias, mas também comentando escolhas vocabulares, substituições de metáforas, acréscimos ao texto (que algumas vezes passa de 3 para 6 versos) e explicitação de elementos citados no texto de Horácio. No início, há um “Discurso Preliminar do Tradutor” que é complementado, ao final da tradução, com um capítulo intitulado “Suplemento às Notas” e outro “Observações do Tradutor”. É interessante ainda destacar que Cândido Lusitano usa ao longo de todo o texto as palavras Tradutor, Tradução, Poeta e Poesia com maiúsculas, dando às mesmas o estatuto maior de identidade.

No “Discurso Preliminar do Tradutor”, Cândido Lusitano cita os tradutores da obra para o italiano, o francês e o espanhol, fazendo comentários críticos sobre cada uma das traduções. Em seguida, faz observações teóricas sobre o papel da tradução, o ato tradutório e a sua experiência como tradutor de Horácio, que demonstram a sua atualidade com relação ao pensamento da época. Segundo Coelho, Cândido Lusitano é:

um dos teorizadores mais pertinazes do neoclassicismo, deixou um grande número de versões inéditas: as tragédias *Édipo* de Sófocles e Sêneca; *Medeia* de Eurípedes e Sêneca. De Eurípedes traduziu ainda *Hécuba*, *Fenícias*, *Hércules Furioso*, *Ifigênia em Aulide* e

*Ifigênia em Táuride*. O autógrafo da sua Eneida de Virgílio é propriedade da Academia das Ciências de Lisboa, onde se encontra (1976: 1099).

Cândido Lusitano abre os seus comentários tradutórios falando sobre as obrigações do tradutor, que uns querem que seja um fiel copiator não só das expressões, mas como das palavras, enquanto outros dão mais liberdade, dizendo que se deve adornar na língua de chegada aquelas expressões, elegâncias, e formas particulares tão específicas da língua de partida:

Os primeiros querem que o Tradutor exhiba as mesmas palavras do original por conta, e os segundos por peso. Estes, para assim se defenderem do impertinente escrúpulo dos outros, tem a suprema autoridade dos dois maiores juízos da Antigüidade, Horácio na *Poética* e Cícero no Tratado de Optim. Gener. Orator., onde falando das Orações de Esquino e Demóstenes, que traduzira, diz assim: Traduzi-as, conservando não menos as mesmas sentenças, e diferentes formas de dizer, que as figuras; mas expliquei-me segundo o nosso costume, julgando que não era preciso traduzir palavra por palavra, bastando conservar a força, e propriedade dos termos, porque entendi que isto de traduzir não é dar ao leitor as coisas por conta, mas por peso (Lusitano 1758: XLII-XLIII)

Para Cândido Lusitano, existem duas condições precisas para a boa tradução: fidelidade e caráter. Para ter fidelidade é preciso ciência e para ter caráter é necessário eloquência. Fidelidade seria “exprimir (quanto for possível) sentença por sentença, e figura por figura, não acrescentando coisa que não se leia no original, e não menos tirando, ou mudando coisas que nele estejam”. O caráter, ou índole, obtém-se conservando na tradução “a mesma gala, o mesmo ar, nobreza e afetos, com que se exprime o texto, a cuja circunstância propriamente chamavam os Antigos *Cores*” (Lusitano 1758: XLIII).

Cândido Lusitano acha que é muito difícil que se tenha as duas qualidades em um tradutor. Aquele se que distingue em uma, dificilmente destaca-se na outra. O tópico seguinte abordado, as dificuldades em traduzir, é exemplificado com os comentários de alguns tradutores contemporâneos. Francisco Philelfo, em *Xenofonte*, segundo ele, não deixa de traduzir palavra do texto, mas falha na expressão de pensamentos, expressões e caráter do original. Marsílio Ficino ao traduzir Platão, exprimiu bem os pensamentos do filósofo e cuidou para verter na língua latina todas as palavras do texto, mas

falhou na índole, ou seja, na majestade e elegância de Platão. Já Lapo Florentino foi mais feliz em defender a índole ou o caráter do original, mas foi infeliz na expressão dos conceitos.

O esforço do trabalho tradutológico é expresso por Cândido Lusitano quando fala da sua intenção em fazer um trabalho bem feito em língua portuguesa. Ele diz-se cuidadoso, mas sabe que ficou a dever para Horácio, pois se sentiu incapacitado para exprimir as suas idéias com a mesma objetividade:

Confessamos que fizemos quanto cabe em nossas forças (e não quanto pode a riqueza de nossa língua) por satisfazer esses requisitos. Parece-nos que exprimimos à portuguesa todo o sentido de Horácio, e por aquele modo, que é próprio de seu estilo, excetuando aquela precisão, e brevidade, com que ele se costuma explica; porque isto em qualquer das línguas vivas julgamo-lo por impossível, traduzindo-se em verso. (Lusitano: 1758: XLIV)

A última discussão destas notas preliminares do tradutor é uma longa preleção sobre a “Razão porque se fez esta Tradução em verso solto”. O tradutor argumenta que a primeira razão foi a de “expor com liberdade e clareza os pensamentos e caráter de Horácio, quanto coube nas poucas forças do nosso engenho.” (Lusitano 1758: XLIV). Como isto pode parecer ruim para alguns, cabe a ele, tradutor, mostrar “como a rima foi muito perniciosa à liberdade da Poesia e especialmente o é e sempre o será em Traduções.” Para Cândido Lusitano, os gregos e latinos levaram a poesia ao auge da perfeição e na épica, especialmente os poemas de Homero e de Virgílio, são tão mestres que fazem desgostar de todos que se lê nas línguas vivas. Interessantemente, ele faz um elogio a Camões e sua epopéia, que pela “viva expressão da natureza, pela invenção, pela nobreza do estilo” fazem-na igualar-se aos dois famosos épicos da Antigüidade grega e latina.

O tradutor demonstra a sua consonância com pensamento da época em relação à tradução dos modelos clássicos quando diz que a beleza da poesia de Homero e Virgílio não vem apenas de um espírito nascido naturalmente para a poesia, mas também da “majestade, pompa, abundância e viveza das línguas Grega e Latina”. Camões volta a ser elogiado, com o adendo que ele não consegue alcançar um colorido tão vivo porque não usou para poetizar um verso de igual força e liberdade:

O hexâmetro, como não está ligado a uma certa uniformidade de terminações, nem se restringe à necessidade de cadências, não

admite palavras ociosas, nem impede, que o poeta possa variar a medida, o número, e a harmonia, segundo o pedir a ocasião. Ora esta vantagem não tem a poesia vulgar, porque é uma escrava da rima, que nasceu nos séculos bárbaros, devendo sua origem aos versos rítmicos, e leoninos, que foram as fezes do metro latino. (Lusitano 1758: XLVI)

Cândido Lusitano argumenta que a rima faz com que se usem “certos rodeios de expressões, e de vozes sem significação”, a rima “é causa de não se exprimir tudo o que se quer, e daquele modo, com que se queria dizer. Quantas vezes não se pode pintar uma imagem com aquelas cores, que pede a liberdade poética, porque a rima prendeu os pensamentos, e o discurso em um certo espaço determinado?” (1758: XLVI).

Curioso ainda é a forma como o tradutor justifica a maior dificuldade do verso solto, em relação ao rimado, com uma comparação à beleza das mulheres, que muito se assemelha no seu objeto de comparação ao pensamento dos seus contemporâneos franceses e suas “belles infidèles.” Cândido Lusitano cita estudiosos importantes como Salvini, em um dos seus *Discursos Acadêmicos*, o Marquês Maffei no seu *Teatro Italiano*, o famoso Pope no seu *Ensaio sobre a crítica* e o tradutor do Canto I da *Iliada* em Italiano:

A razão, em que se fundam estes Sábios, é porque a rime é bem como as posturas no rosto das mulheres, que encobrem muitos defeitos, porém o verso solto, como não tem a que se torne para causar deleite, senão à beleza verdadeira, faz quanto pode para ter intrínseco o seu valor. (1758: XLVII)

O tradutor encerra seu *Discurso* falando da sua ilustração do texto, que espera ter sido bem escolhida e justifica o uso de uma metáfora diferente da que aparece em um dos versos, aproveitando para elogiar a Arcádia Lusitana que “honrará a Nação com inveja à de Roma, quando seus Pastores publicarem suas obras” (Lusitano 1758: L). Fica ainda o registro das dificuldades tipográficas no último parágrafo desta introdução:

Os demais erros, que se encontrarem, são certamente da impressão, onde são inevitáveis, por mais diligência que se ponha, como confessa todo aquele que caiu na tentação de imprimir algum livro, especialmente quando a letra é miúda, porque nas provas fogem os olhos os erros, e muito mais em autoridades de língua estrangeiras. (Lusitano 1758: LI)

Há muito a ser analisado nesta tradução da *Arte Poética* e muito a ser estudado sobre este tradutor português. A obra é riquíssima em material de estudo, que um estudo desta natureza não comportaria. Fica aqui apenas um registro deste achado e do prazer que tive em manusear um livro há tantos anos publicado, com cheiro de história, de passado, e ler em português setecentista as ansiedades, as angústias e as incertezas ainda atuais de um tradutor do século XVIII.

#### BIBLIOGRAFIA:

- COELHO, J. P. (dir.). (1976). *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas. 3º vol. 3ª ed.
- LUSITANO, C. (1758). *Arte Poética de Q. Horacio Flacco*. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- MILTON, J. (1993). *O Poder da Tradução*. São Paulo: Ars Poética.
- MONGELLI, L. M. de M. (1986). *Poesia Arcádica – Literatura Portuguesa*. São Paulo: Global Editora.
- SILVA, I. F. da. (1859). *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional. Tomo Segundo.